



MÚSICA, ORIGEM DO NOME E HISTÓRIA DE FAMÍLIA

REIS, Wanderlene Cardozo F.

Mestranda em Família na Sociedade Contemporânea
jnd1232@hotmail.com

480

RESUMO

Buscando empreender uma jornada ao interior da minha família de nascimento através da história dos nomes de irmãos/irmãs, este texto, ao mesmo tempo em que revela explicitamente a subjetividade dos pais na escolha dos nomes dos filhos, implicitamente desvela afetos e desafetos ocorridos na adoção do nome de uma das filhas. Juntando uma boa dose de lirismo com o rigor da escrita científica, *Música, origem do nome e história de família* aponta para a importância de três aspectos em relação ao nome na constelação familiar: tradições religiosas, homenagens a ídolos e tabus em relação à escolha de nomes de parentes já falecidos. Aponta, também, para o significado de família e irmãos e a influência destes na formação psíquica do sujeito. O principal recurso metodológico utilizado foi a memória oral, utilizando-se de uma entrevista semiestruturada e fotos que se complementaram aos relatos autobiográficos.

Palavras-chave: nomes, subjetividade, família.

ABSTRACT

Seeking to undertake a journey to the interior of my birth family through the history of the names of brothers / sisters, this text, while explicitly reveals the subjectivity of parents to choose the names of the children, implicitly reveals affection and disaffections occurring in the adoption of name of one of the daughters. Joining a good dose of lyricism with the rigor of scientific writing, *Music, origin of the name and family history* points to the importance of three aspects in relation to the name in family constellation: religious traditions, homages to idols and taboos regarding the choice of names of deceased relatives. Indicate, too, for the meaning of family and brothers and their influence in the psychological makeup of the subjects. The main methodological approach used was oral memory, using a semistructured interview and photos that are complementary to autobiographical accounts.

Key-words: names, subjectivity, family.



INTRODUÇÃO

O nome próprio é objeto de pesquisas em diversas partes do mundo. Santos (2011) estudando a origem dos nomes cita Mauss (2003) que percebeu que em sociedades tribais os nomes das pessoas estavam diretamente ligados a funções que estas deveriam realizar em determinado grupo (p. 38). Assim, por exemplo, em algumas civilizações nomear um indivíduo com o mesmo nome de outro que representava o clã era a forma mais tradicional de se perpetuar o próprio grupo.

Nesse caso, estava intrínseca, a herança pessoal, cultural e individual do antepassado ao ponto em que a pessoa objeto dessa nomeação assumia a identidade do antepassado, o representado em todos os níveis e campos, principalmente a responsabilidade pelo clã. (MAUSS, 2003 apud SANTOS, 2011, p. 38)

Ainda em nossa sociedade, com alto nível de desenvolvimento tecnológico, nomear é um ato de resgate de memórias passadas, dos significados e significantes ligados a uma representação da identidade e da cultura. E o caminho como essa nomeação é feita pode variar, assim, alguns pais esperam o nascimento do bebê para só então dar-lhe um nome, outros já escolhem um nome mesmo antes do nascimento do filho e outros ainda muito antes da concepção. De uma forma ou de outra, o nome próprio é sempre escolha de outro, salvo casos em que o sujeito cria para si outro nome. Por isso a escolha do nome é sempre subjetiva e traz a identificação do nomeador ao nomeado. (SANTOS, 2011, p. 39) Para Rabinovich (2008) o nome pode ser visto como um *espelho que reflete* e como uma *vitrine que expõem*. (p.8)

Rabinovich (2008; 2011), ao estudar sobre a origem dos nomes dos brasileiros, identificou três critérios de nomeação: proteção, amuleto e destino. Um filho recebia um nome de alguma figura importante para os pais, um padrinho ou madrinha mais afortunado que estes, significando uma proteção terrestre; Ou lhe dar um nome de um santo do dia, hábitos recorrentes de seguidores do catolicismo, com o objetivo de trazer para o filho, uma proteção divina; Outro podia receber um nome que tenha um significado de sorte, riqueza, poder, com o objetivo de que estas características místicas acompanhassem o sujeito nomeado, ou seja, funcionasse como um amuleto; alguns pais se apropriavam do significado de destino com tal



intensidade que ao nomearem seus filhos, transmitiam consciente ou inconscientemente suas crenças e os mitos familiares ao nomeado.

Visando ampliar esta perspectiva do estudo da origem dos nomes próprios, este trabalho buscou empreender uma jornada ao interior da minha família de nascimento através da história do meu nome e dos meus irmãos/irmãs. Ao mesmo tempo em que ao revelar explicitamente a subjetividade dos meus pais na escolha dos nomes dos filhos, implicitamente desvelou afetos e desafetos ocorridos na adoção do nome de uma das filhas. Apontou para a importância de três aspectos em relação ao nome na constelação familiar: tradições religiosas, homenagens a ídolos e tabus em relação à escolha de nomes de parentes já falecidos e também, para o significado de família e irmãos e a influência destes na nossa constituição psíquica. O principal recurso metodológico utilizado foi a memória oral, utilizando-se de uma entrevista semiestruturada e fotos que se complementaram aos relatos autobiográficos.

Corroborando com Martins (1991, p. 11), o nome é um texto, e como tal, buscar sua origem é resgatar a história da família. Com isso, não posso reconstituir a história do meu nome sem antes, perpassar pela história dos nomes dos irmãos que me antecederam.

Religiosidade, música e origem do nome

Meu filho vai ter
Nome de santo
Quero o nome
Mais bonito...¹

Meus pais se casaram ainda muito jovens e tiveram quatorze filhos. A vida fez a minha mãe amadurecer muito cedo e aos quinze anos nasce seu primeiro filho. A devoção por Santo Antônio e São Jorge influenciou na escolha do nome deste, deram-lhe o nome de Antônio Jorge, de modo a cumprir a devoção aos santos.

Jorge vem de lá da Capadócia
Montado em seu cavalo
Na mão a sua lança
Defendendo o povo do perigo
Das mazelas do inimigo
Vem trazendo a esperança...²

¹ Letra da música *Pais e Filhos* dos Compositores – Dado Villa Lobos, Renato Russo e Marcelo Bonfá. Ano de divulgação – 1989. Disponível em <http://musicasbrasileiras.wordpress.com/2011/02/15/pais-e-filhos-legiao-urbana/> Acesso em 10/05/2014.



Antônio Jorge não nasceu no dia de nenhum desses dois santos homenageados, mas corroborando com os estudos de outros autores, Rabinovich, (1993), coloca que há certa influência do contexto situacional onde os fatores tradição e homenagem emergem como substrato na escolha do nome do primogênito. (p. 85)

O segundo filho nasce no ano seguinte e a história do meu nome está ligada indubitavelmente à história do seu. Nossos nomes têm origem nos nomes de artistas da Jovem Guarda³. Wanderléa e Wanderley Cardoso eram cantores de sucesso dos quais meus jovens pais eram fãs fervorosos. Tinham discos, ouviam as músicas, cantarolavam. Coisas de adolescentes! Ainda grávida e sem saber qual o sexo do bebê, planejaram o nome para este que seria o segundo filho, assim eles pensaram, caso fosse menina se chamaria Wanderléa e se fosse menino Wanderley. Assim procedeu e o segundo filho foi batizado com o nome do cantor. Porém como ele nasceu no dia de Nossa Senhora da Conceição, teve o segundo nome acrescentado, ficando Wanderley da Conceição, mais uma vez a influência da crença religiosa sugere que este hábito de por nomes de santos e santas da Igreja Católica nos filhos, tão frequente nos fins da Idade Média até o século XIX, ainda persistiu nos fins do século XX. (CARVALHINHOS, 2007, p. 8, SANTOS, 2011, p. 40, RABINOVICH, 2008, p. 418, MENDES, 2014, p. 12)

Quando eu nasci minha mãe queria colocar o nome Wanderléa, mas meu pai não tinha a mesma opinião. De modo a resolver o impasse tiveram a ideia de mudar um pouco e colocaram Wanderlene. Tanto nas famílias de meu pai quanto da minha mãe, não há nomes semelhantes. E meu pai se chama Orlando e minha mãe Anelice, portanto, nada que se assemelhe. Acho o meu nome muito bonito, mas o nome Wanderléa nem tanto. Rabinovich et. al. (1993) corroborando com as pesquisas de SAVAGE et AL (1948), SCHOMBERG et al (1974) e

² Letra da música *Alma de Guerreiro* do cantor e compositor Seu Jorge, feita especialmente para a abertura da novela *Salve Jorge* em 2012. Disponível em <http://gshow.globo.com/novelas/salve-jorge/Fique-por-dentro/noticia/2012/11/alma-de-guerreiro-foi-composta-e-m- apenas-duas-horas-por-seu-jorge.html> e www.letras.com.br/seu-jorge/alma-de-guerreiro. Acesso em 22 jul, 2014.

³ A Jovem Guarda foi um movimento cultural brasileiro, surgido em meados da década de 1960, que mesclava música, comportamento e moda. Surgida em agosto de 1965, a partir de um programa televisivo exibido pela TV Record, em São Paulo, apresentado pelo cantor e compositor Roberto Carlos, conjuntamente com o também cantor e compositor Erasmo Carlos e da cantora Wanderléa, a Jovem Guarda deu origem a toda uma nova linguagem musical e comportamental no Brasil. Sua alegria e descontração transformaram-na em um dos maiores fenômenos nacionais do século XX. (Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Jovem_Guarda. Acesso em: 10/05/2014).



SWEINGENHAFT et al (1980), lembram que o nome único comporta possibilidades positivas quando o nomeado tem orgulho do seu nome, sendo este o meu caso.

Foi assim
O que eu senti
Não sei dizer
Só sei que pude então
Compreender....⁴

Sou, portanto primeira filha do casal Orlando e Anelice, a terceira na ordem dos irmãos, nasci em casa, numa época em que as parteiras eram uma das melhores opções, em pleno início do solstício de verão no Hemisfério Sul, exatamente aos vinte e um dias do mês de dezembro do ano de 1969. Meu nome Wanderlene, é motivo de orgulho, assim como a data do meu nascimento, o meu nome diferente e a minha origem afro-indígena. Não sinto nenhuma dificuldade com este nome, mas as outras pessoas, ou a maioria delas, sim, e vivem querendo trocá-lo, diminuí-lo ou até mesmo inventam outros nomes: é Val, Vanda, Van, e tantos outros derivativos, mas o único nome que não me incomoda é Lene ou Wander, preferindo, é claro, o nome completo. Diferentemente de autores que apontam o som do nome como o mais importante para sua escolha (tanto para o nomeado quanto para quem nomeia), a grafia da letra inicial também é importante, pois não me vejo num nome grafado com a letra V ou invés do W, também na minha prática profissional pude perceber este fenômeno, quando troco as letras dos nomes de meus alunos e sou repreendida por estes.

A origem do meu nome vem da língua alemã Wander, que significa migratório, vindo de algum lugar, peregrino etc., neste caso a letra w em alemão tem o som de v na nossa língua, enquanto Lene também do alemão significa “sofisticada”.⁵ Modéstia à parte, penso que sou bem estas duas coisas!

Dentre todos os irmãos e irmãs que poderiam fazer parte deste trabalho de pesquisa dos nomes, escolhi a Elaine Cristina porque tinha curiosidade em saber o que ela sabe sobre a história do próprio nome, visto que ela nascera logo após a morte da nona filha, portanto ela vem ocupar um lugar na família que estava em falta. O seu nascimento foi motivo de muita

⁴ Letra da música Foi assim cantada por de Wanderléa. Disponível em <http://letras.mus.br/wanderlea/83530/>
Acesso em 10/05/2014.

⁵ Significado do nome Wander Disponível em <http://www.significado.origem.nom.br/nomes/wander.htm/http://www.iremar.com.br/nomes/index.php?q=Vander#axzz31MMXWSpy> Visualizado em 10/05/2014.



alegria. Não que os outros não tenham sido, mas o nascimento da Elaine veio preencher o vazio deixado pela morte da outra, e de qualquer forma, “suspender o luto”!

Eu vou lhe contar
Não posso esconder
Eu vou lhe contar
Você deve saber...⁶

ORIGEM DOS NOMES ELAINE CRISTINA

Elaine: Significa “a reluzente”, “resplandecente”. É uma variante inglesa a partir do francês antigo *Helaine*, o mesmo que Helena, que tem origem no nome grego *Heléne*, que quer dizer “tocha”, derivado da palavra *hélê* “raio de sol”, portanto é dado o significado de “resplandecente, a reluzente”. Foi popularizado através de uma personagem da obra de 1859 “Os Idílios do Rei” do poeta inglês Alfred Tennyson.⁷ (MENDES, 2014, p. 89).

Cristina: Significa “cristã”, “ungida por Deus”. É a variante feminina de Cristiano, o mesmo que Cristiano tem origem no latim *Christianus*.⁸ (MENDES, 2014, p.54)

Elaine Cristina não sabe muito bem qual a origem do nome, mas sabe que foi a mãe que escolheu o nome Elaine e o pai escolhera o nome Cristina. No entanto ela lembra que quando era bem pequena achava que se chamava Elisabete. Não entendia bem o porquê, só tempos mais tarde ficara sabendo que este era o nome da irmã, que tinha falecido com a idade de um ano e meio, seis meses antes dela nascer.

Mas quando eu era muito pequenininha, tenho uns flashes de memória de que eu pensava que meu nome era Elisabete, tanto que quando alguém me perguntava como é seu nome? Aí eu respondia Elisabete, né.

[...]

Agora porque isso eu nunca perguntei, mas eu achava que era Elisabete.

⁶ Letra da música Vou lhe contar de Wanderléa. Disponível em <http://letras.mus.br/wanderlea/1043886/>. Acesso em 10/05/2014.

⁷ Significado do nome Elaine Disponível em <http://www.dicionariodenomesproprios.com.br/elaine/> Visualizado em 10/05/2014).

⁸ Significado do nome Cristina. Disponível em <http://www.dicionariodenomesproprios.com.br/busca.php?q=Cristina>. Acesso em: 10/05/2014.



Elaine Cristina nasceu alguns meses após a morte da outra irmã que se chamava Elisabete Cristina que falecera com aproximadamente um ano e meio de idade, devido a uma desnutrição grave. Meu pai queria repetir o mesmo nome quando a Elaine nasceu, mas nós que éramos os irmãos mais velhos e minha mãe não concordamos. O nome Elaine Cristina foi escolhido por minha mãe, e segundo esta, era o pseudônimo da atriz brasileira chamada Júlia Sánches que fez muito sucesso em novelas.⁹ Como meu pai já pensara no nome *Cristina* foi uma forma inteligente de resolver o problema, ou seja, não era a repetição do nome de uma falecida, mas um nome que trazia a identificação primária dos pais como no meu caso, do irmão Wanderley e da irmã Cacilda.¹⁰ Porém a Elaine ficou por algum tempo, como ela mesma disse, “achando que se chamava Elisabete”.

Aí depois que eu cresci eu soube que eu tinha uma irmã que se chamava Elisabete e que faleceu ainda recém-nascida. Então eu fiquei sem saber por que eu pensava que meu nome era Elisabete, eu não sei sempre eu pensava que meu nome era Elisabete, até uns cinco anos ou quatro anos de idade, até eu entender que meu nome não era Elisabete.

Provavelmente, nós, em alguns momentos na infância dela, tenhamos trocado os nomes devido a atos falhos. Freud, em 1901, abordou em seu *ensaio Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*, este fenômeno:

Cheguei à conclusão de que essa situação específica (reconhecida-mente comum e sem muita importância prática) em que uma função psíquica – a memória – se recusa a funcionar admite uma explicação de muito maior alcance do que a valorização usual que se dá ao fenômeno. (p.4)

Não é difícil imaginar porque esta história do nome de minha irmã a marcou profundamente visto que em seu discurso não aparece a origem do seu nome quando atribuído pelos pais (a atriz citada) independentemente da existência de uma “outra” que a antecedeu (a irmã falecida). Minha irmã ao recontar esta história acerca das circunstâncias do seu

⁹ **Elaine Cristina**, nome artístico de **Júlia Sánchez** (São Paulo, 13 de maio de 1950) é uma atriz brasileira. Começou sua carreira bem cedo, aos 11 anos de idade, em *A Herdeira de Ferleac*. Atuou na novela *O Outro*, de Aguinaldo Silva. Seu Primeiro Papel em Destaque foi em *Ontem, Hoje e Sempre*, na extinta TV Excelsior. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Elaine_Cristina; <http://astrosemrevista.blogspot.com.br/2012/09/elaine-cristina-uma-grande-estrela-da-tv.html> Acesso em 24 Jul 2014.



nascimento e do seu nome, privilegiando um fato em detrimento do outro, nos mostra que de certa forma, *filtramos nossas lembranças, ativando aquilo que queremos, que nos é significativo* (MATOS & SENA, 2011, p.96). Por isso *cabe-nos interpretar tanto a lembrança quanto o esquecimento.* (BOSI, 2003, p. 18)

OS SIGNIFICADOS DE FAMÍLIA E IRMÃOS PARA MINHA IRMÃ ELAINE CRISTINA

487

Não é tarefa fácil falar de família visto que precisamos demarcar duas origens, ou seja, a nossa origem, onde nascemos e a origem da família que construímos quando nos tornamos adultos, através do casamento. Porém, tanto no primeiro caso quanto no segundo a família é:

[...] lugar-espaco (a casa), célula da sociedade (por analogia orgânica com o organismo biológico), modelo (padrão simbólico), relação social (isto é, como ação recíproca que implica intersubjetividade e conexões estruturais entre sujeitos). (DONATI, 2008, p. 49)

Na presente pesquisa quando solicitei à minha irmã Elaine Cristina que escolhesse, dentre suas fotografias, três que representasse o significado e importância em sua vida, não deixei claro que se trataria de família e ela traz a primeira foto (fig. 1) representando a sua família construída com o casamento.



Figura 1 – Família de Elaine
Fonte: Álbum de Elaine

¹⁰ **Cacilda Becker Iaconis** (Pirassununga, 6 de abril de 1921 – São Paulo, 14 de junho de 1969) foi uma atriz brasileira, um dos maiores mitos dos palcos nacionais. Em 30 anos de carreira, Cacilda encenou 68 peças, no Rio de Janeiro e em São Paulo; fez dois filmes (*Luz dos Seus Olhos* em 1947 e *Floradas na Serra*, em 1954) e uma telenovela (*Ciúmes*, em 1966), na TV Tupi além de outras participações em teleteatros na televisão, foi Cacilda quem inaugurou o Teatro Municipal de São Carlos com a peça *Esperando Godot* no começo de 1969.



Esta foto considero a mais importante, porque é minha família, minha razão de viver, meu filho e meu marido. Esta fotografia foi tirada no primeiro ano de aniversário de Samir, meu primeiro e único filho, em 2004, 18 de setembro de 2004, ele faz 11 anos agora em 2014. Foi na residência de minha irmã Wanderlene, na cobertura da casa dela.

Dois fatos me chamaram a atenção nesta escolha: Primeiro, ela (Elaine) participa da pesquisa como se eu (a pesquisadora) fosse uma pessoa desconhecida, ou que não soubesse de sua história. Segundo, ela me coloca nesta história, quando diz: *Foi na residência de minha irmã Wanderlene, na cobertura da casa dela*. Sei que ela tem outras fotos com o filho e o esposo (Cleber) que poderia ter escolhido, mas como Lacan observou, na relação entre irmãos partem duas relações afetivas, *amor e identificação* (LACAN, 2008, p. 30). Talvez este processo de identificação tenha relação com o fato de eu ser a irmã mais velha, neste caso, exercendo o papel de ser o modelo para a irmã mais nova, como apontou Oliveira (2006), em sua tese:

Os pais e os irmãos mais velhos são as principais figuras subsidiárias, podendo se constituir importantes figuras substitutivas da figura principal de apego, principalmente em situações em que esta não está acessível. (OLIVEIRA, 2005, p. 78)

A segunda foto (fig. 2) retrata o casamento dela com Cleber no dia 7 de outubro de 2000, numa Igreja Evangélica, no Centro da cidade de Salvador, contudo ela aponta como a mais importante de sua vida.



Figura 2: Casamento de Elaine. Fonte: Álbum de casamento de Elaine



A foto do meu casamento acho a segunda mais importante porque foi uma mudança de vida né. Mudei minha vida completamente ao me casar. Eu tinha 22 anos, foi no ano 2000.

Algumas irmãs e irmãos já frequentavam esta Igreja, inclusive minha mãe e eu. Ela então conta a história da foto:

489

Já era evangélica, conheci Cleber lá na Igreja mesmo, né! Aproximei-me dele, numa Copa do Mundo. Quando foi mesmo? A Copa do Mundo de 98 foi quando a gente se aproximou, pra trocar palavras, até então não tínhamos trocado palavras, aí no jogo da Copa do Mundo fui assistir um jogo lá na casa dele, foi a irmã dele que me convidou para assistir o jogo lá, e quando eu fui pra casa, ele (Cleber) me levou até o ponto do ônibus, foi aí que a gente teve o primeiro contato de conversa, aí surgiu “ah, essa menina é interessante” (risos). Nessa foto Cleber está bem mais magro e eu também bem mais magra (risos). Uma das crianças na foto é Henrique, meu sobrinho, atrás de Henrique está Mainha e do lado da minha mãe tem um amigo meu. Um sonho meu realizado - casar de noiva, tudo bonitinho, direitinho (risos).

Eu também me casei vestida de noiva, apenas no regime civil, na casa de minha sogra, num povoado distante de minha cidade natal. Contudo, foi apenas para agradar a meus pais, pois sendo a filha mais velha era costume que fosse a primeira a casar seguindo todo o ritual. Estava cumprindo uma formalidade sociocultural, enquanto a Elaine toma o desejo para si. Porém penso que consciente ou inconscientemente, a razão é a mesma, ou seja, fazer *tudo bonitinho, direitinho*, como determinam os preceitos socioculturais. No entanto, podemos perceber que ela (Elaine) sofre influência da religião evangélica, quando aparece no seu discurso o fato de “já ser evangélica...” Como bem apontou Ecléa Bosi (2003, p. 17) *parece que há sempre uma NARRATIVA COLETIVA privilegiada no interior de um mito ou de uma ideologia.*

A terceira foto (fig. 3) foi escolhida, segundo Elaine, porque representa a sua infância, com seus irmãos e amigos.



Figura 3: Festa de Aniversário
Fonte: Álbum de Elaine

Eu escolhi esta foto, porque é a foto que tem eu criança, não tenho outra foto assim eu criança, então eu tenho essa aí a única foto que eu tenho guardado aí de recordação. Tenho eu no aniversário de minha irmã caçula a Priscila e estão alguns dos meus irmãos (os que estão com setas), todo mundo criança, os amigos de infância que ainda a maior parte deles mora aqui na rua, a outra parte não sei que destino levou. Acho que todo mundo ainda moram no bairro, todo mundo aí, com exceção dessa menina aqui, eu não sei o destino dela, mas a maioria mora no bairro e na rua. Meus irmãos, aqui meu irmão Maxsuel, ao lado Francislene e eu aqui como sempre sorridente e tem meu falecido irmão também, Valnei, está bem escondidinho, botou uns chifres em mim aí, os “chifres do capeta” (risos) era danadinho, ficou escondido na foto. Aqui é Maik, Priscila, a aniversariante está fazendo um aninho, está lá atrás em pé num banco.

Parece que há, na percepção de Elaine, uma nítida divisão no grupo de irmãos. Assim, há aqueles que pertencem ao seu grupo, “os menores”, “os pequenos, “as crianças” e os outros que são “os mais velhos”.

Os mais velhos não aparecem na foto, só tem o braço do mais velho, Antônio. Só as crianças! Aqui eu tinha dez anos. Está faltando Diego, que é também pequenininho.

Percebe-se que há no discurso de Elaine a necessidade de firmar a diferença entre os irmãos, frisando que há um bem “pequeninho” que não está presente na foto, mas deveria estar, pois o mesmo faz parte do seu grupo enquanto criança, contudo, também ao mesmo



tempo busca colocar todos no seu grupo fraternal, pois a mesma cita a presença quase implícita do irmão mais velho (apenas aparece o seu braço, mas ele está ali). Por isso, enquanto que para firmar o processo de identificação e apego, a figura do irmão/irmã mais velho/mais velha se torna importante, segundo Coleman e Ladd (1993), há também provas que sugerem que as crianças menores são capazes de estabelecer relações com seus pares, esses autores mostraram que, com apenas dois anos de idade, as crianças já revelam preferências por determinados pares e já os procuram para parceiros dos seus jogos. Com efeito, as investigações nesta área sugerem que, pelo menos, dois tipos de relações entre pares emergem até os três anos: a amizade e a aceitação pelos pares. Enquanto a amizade é uma relação *diática*, a aceitação pelos pares é definida como grau de simpatia que uma criança suscita nos membros do seu grupo social. (COLLEMAN & LADD, 1988, p.121) Elaine busca nas suas lembranças de infância não só a participação dos seus *pares sejam* seus irmãos menores ou sejam também seus amigos de brincadeiras, mas também a importância que os irmãos maiores têm em sua vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi fruto de uma atividade sugerida pela professora Dra. Elaine Rabinovich, coordenadora do grupo de pesquisa *Família, (auto) biografia e poética* e da disciplina Família e subjetividade, do Mestrado em Família, da Universidade Católica do Salvador, no presente ano. Realizá-la trouxe-nos boas recordações e muita aprendizagem.

Realizamos este trabalho com a consciência de que não há neutralidade na pesquisa social e tampouco pesquisador que seja neutro, pois o mundo social não é um dado natural, *sem problemas*, temos que concordar que ele é por nós *ativamente construído em nossas vidas cotidianas*, mas não sob condições por nós mesmos estabelecidas, *tratando-se por isso de nosso mundo vivencial*. (BAUER & GASKELL, 2002, p.63)

Quando construímos nossa própria família, reescrevemos uma nova história, mas às vezes nos esquecemos da nossa própria origem, de como aprendemos o que é família, nos esquecemos também de que somos pessoas que nos construímos nas interações com os irmãos e pais.

Construir uma nova família foi para minha irmã uma solução possível, assim como o fora para mim. Penso que a família numerosa como a nossa, onde há falta de privacidade,



desperta no jovem, o desejo de ter seu próprio espaço. Como apontou Touraine (1990) citado por Ramos (2013) isto possibilita certa *atuação*. “Um ator que constrói a própria vida, um agente da própria história, e que na melhor condição, seria reconhecido por isso” (RAMOS, 2013, p. 18).

Mas também isto se verifica na subjetivação do nome próprio, não como um nome herdado do “outro”, mas um nome que tenha sido pensado para ser seu pelo que você representa e não para ocupar um “vazio” deixado. Isto se mostrou implícito no discurso de Elaine Cristina quando do desejo de ser a “Elisabete” se esbarrou no desejo de ser a “Elaine”, originando uma crise de identidade gerada pelo duplo processo de individuação-separação. “Então eu fiquei sem saber por que eu pensava que meu nome era Elisabete”.

A individuação é o processo através do qual ela perceberá quem ela é; para alguns autores, como Mahler (1977, p. 146), esse processo inicia-se aos 30 meses e concretiza-se, para Yung (1960, p. 525), em torno dos 35 anos. Entre esses dois marcos há vários outros momentos de separação-individuação, como a adolescência, onde a emergência de papéis sexuais e sociais ocasiona novas separações dos pais e crises quanto à questão da identidade. Tanto a separação quanto a individuação podem ser descritas como diferentes modos de organização do ego e de sua relação com o meio. (RABINOVICH, 1991, p. 28.)

O nome *individualiza e subjetiva a existência*, (SOUZA, 2013, p. 109 in: RABINOVICH, et al. (orgs.), 2013) por isso “carregar” o nome de outra irmã (falecida), mesmo que tenha sido apenas no registro imaginário, como ocorreu com o primeiro nome, pode ter gerado [em Elaine] a angústia de passar tanto tempo sem saber quem é: “eu não sei, sempre eu pensava que meu nome era Elisabete, até uns cinco anos ou quatro anos de idade, até eu entender que meu nome não era Elisabete”. Neste sentido, como bem apontou Figueiredo (1995), não lhe era possível ser sujeito e tampouco indivíduo, *no sentido próprio do que não se divide*, visto que a mesma já estava dividida. (FIGUEIREDO, 1995, p. 34)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BAUER, M. & GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 2ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2002, p. 63.



CARVALHINHOS, Patrícia de J. As origens dos nomes de pessoas. In: *Revista Domínios de Linguagem*, Ano 1, nº1. Minas Gerais, 2007. Disponível em <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/.../6686>>. Acesso em: 20/07/2014.

COLLEMAN, C. & LADDY, Garyq W. As relações entre pares na infância: formas características e funções. In: SPODEK, Bernard (org.). *Manual de Investigação em Educação de Infância*. Trad. Ana Maria Chaves. Mcmillan Publishing Company, New York, 1993, p.119.

CORREA, Renato; CORREA, Ronaldo. Foi assim. In: WANDERLÉA. *Álbum* (1970). Brasil. Sony Gravadora. 1965. < Disponível em <http://letras.mus.br/wanderlea/83530/>> Acesso em 10/05/2014.

DONATI, Pierpaolo. *Família no século XXI: abordagem relacional*. Trad. João Carlos Petrini. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 49.

FIGUEIREDO, Luis Cláudio. *Modos de subjetivação no Brasil e outros escritos*. São Paulo: Escuta/EDUC- PUC- SP, 1ª ed., 1995.

FREUD, S. *A psicopatologia da vida cotidiana*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v. VI, 1901. Disponível em <<http://pt.slideshare.net/PauloVFdaSilva/freud-sigmund-6-sobre-a-psicopatologia-da-vida-cotidiana-1901-volume-vi>> Acesso em: 15/05/2014.

LACAN, Jacques. *Os complexos familiares na formação do indivíduo: ensaio de uma análise de uma função em psicologia*. Trad. Marcos Antonio C. Jorge & Potiguara Mendes de S. Junior. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2008.

LOBOS, Dado; RUSSO, Renato; BONFÁ, Marcelo. Pais e filhos. In: LEGIÃO URBANA. *Álbum: As quatro estações*. Brasil. EMI Gravadora. 1989. Disponível em <<http://musicasbrasileiras.wordpress.com/2011/02/15/pais-e-filhos-legiao-urbana/>> Acesso em: 10/05/2014.

MAIA, Tim. Não vou ficar não. In: WANDERLEA. *Álbum: Wanderléa Maravilhosa*. São Paulo. 1972. < Disponível em <<http://www.clubedorei.com.br/wmafiles/detail.asp?iData=145&iCat=926&iChannel=20&nChannel=Wmafiles>>. Acesso em: 10/05/2014.

MARTINS, Francisco. *O nome próprio: da gênese do eu ao reconhecimento do outro*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1991, cap. I, p. 11.

MATOS, Júlia S. & SENNA, Adriana K. de. História oral como fonte: problemas e métodos. Rio Grande, RS: *Historiae*, 2011, pp. 95-108. Disponível em <<http://www.seer.furg.br/hist/article/view/2395>>. Acesso em: 20 Jul. 2014.

MENDES, Iba. *Dicionário de nomes próprios: com ênfase aos nomes bíblicos*. São Paulo: Poeteiro Editor Digital, 2014. Disponível em <<http://projetolivrolivre.com/>>



Dicionario%20de%%20de%20Nomes%20Proprios%20-20Iba%20Mendes.pdf.> Acesso em 24 Jul. 2014.

OLIVEIRA, Adriana L. de. *Irmãos, meios-irmãos e coirmãos: as dinâmicas das relações fraternas no recasamento*. Tese de Doutorado em Psicologia Clínica, PUC – São Paulo, 2005, 333 f..

RABINOVICH, Elaine P. O Nascimento Psicológico. *Revista Brasileira Crescimento Des. Humano*. São Paulo, 1991. Disponível em PDF.

RABINOVICH, Elaine P. et. al.. Atribuição de nomes próprios e seu papel no desenvolvimento Segundo relato dos nomeados. *Revista Brasileira Crescimento Des. Humano*. São Paulo, 1993.

_____ *Nomes de família: nomeação, pertencimento, identidade*. Salvador: Universidade Católica de Salvador. Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea, 2011.

RABINOVICH, Elaine P. Famílias evangélicas baianas e o processo de nomeação. *Revista Psicologia e Sociedade*, São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.php?pid=s0102> Acesso em: 10/06/2014.

RAMOS, Rubia de A. *Sujeito e modernidade na perspectiva de Alain Touraine*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2013, 153f..

SANTOS, Bruna F. M. Castro dos. *Repetição de nome próprio na família: um velejar pelas águas da lealdade familiar e diferenciação*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2011, 105 f..

SIGNIFICADO DO NOME CRISTINA. Disponível em <<http://www.dicionariodenomespropios>> Acesso em: 10/05/2014.

SIGNIFICADO DO NOME WANDER. Disponível em <<http://www.significado.origem.nomBR/nomes/Wander.htm//php?q=Vander>> Acesso em: 10/05/2014.

SOUZA, Cinthia Barreto S. Santo Nome. In: RABINOVICH, Elaine P. et all (orgs.). *Nomes de família: Subjetividade, Genealogia, Juridicidade e Historicidade*. Salvador: Quarteto Editora, 2013. pp. 105/114.